

Narrativa e trabalho em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo

Thayllany Ferreira Andrade²³

Gustavo Abílio Galeno Arnt²⁴

Resumo: Este artigo se propõe a investigar a representação do trabalho na narrativa brasileira contemporânea, especificamente no romance *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo (2010), buscando compreender essa representação no contexto mais amplo de organização do mundo do trabalho no Brasil.

Palavras-chave: Rubens Figueiredo. Narrativa. Trabalho.

Abstract: This article aims to investigate the representation of labour in contemporary Brazilian narrative, specifically the novel *Passageiro do fim do dia*, by Rubens Figueiredo (2010), trying to understand this representation in the broader context of organization of the world of labour in Brazil.

Keywords: Rubens Figueiredo. Narrative. Labour.

²³Universitária no curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia *campus* São Sebastião, DF (athayllany@gmail.com)

²⁴Docente de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *Campus* São Sebastião, DF - Doutor em literatura (gustavo.arnt@ifb.edu.br)

Introdução

O romance de Rubens Figueiredo (2010), através do tempo e do espaço em trânsito, constrói representações da experiência cotidiana de uma realidade social. Essa representação da imagem se concretiza em *Passageiro do fim do dia* de quatro formas: 1) por meio das recordações da personagem Pedro, que dá vida ao passado construindo visões da sociedade brasileira por intermédio da memória; 2) através da visão da personagem frente ao tempo-espaço externo à memória, representado pelo que a personagem vive no presente, dentro e fora do ônibus; 3) diante das memórias que são produtos do livro de Charles Darwin sobre o Brasil, que a personagem lê durante o caminho para a casa da namorada; e 4) por intermédio da rádio que Pedro está ouvindo.

Com base nisso, a representação dessas imagens, produzidas pela relação entre a memória e as informações meio aleatórias que Pedro está recebendo do livro, do ônibus, do rádio, do mundo fora do ônibus, etc., tendo como filtro a perspectiva subjetiva do protagonista, provoca um choque entre o mundo interior e o mundo exterior e os diferentes tempos presentes na narrativa. Portanto, essa soma – das memórias, mais os dados do real, mais a imaginação de Pedro – resulta no processo de racionalização com vistas ao entendimento sobre a sociedade brasileira. Esse processo de experiência e cognição é uma espécie de *educação pela pedra*, que forma um mosaico por meio do qual Pedro vai construindo na sua cabeça por meio do qual tenta arduamente compreender o Brasil e seu lugar no mundo.

A estrutura do romance não possui um esquema canônico de narração (complicação, dinâmica, resolução), configura-se na verdade por meio da narração contínua de ações e episódios próprios à dinâmica social da experiência urbana brasileira contemporânea. Tais episódios são narrativamente guiados pelo fluxo de memória e associações mentais de Pedro. Por trás da aparente desordem do fluxo de consciência, observa-se como elemento coesivo latente a figuração do trabalho no Brasil.

O romance *Passageiro do fim do dia* não é organizado por capítulos. É através dessa técnica de organização que sentimos, por meio da leitura, a trajetória intensa, extenuante e contínua que Pedro faz rumo à casa de Rosane. A escolha feita na construção da cena principal é estratégica, uma vez que pegar ônibus é necessário no âmbito do trabalho, principalmente, se tratando da classe trabalhadora pobre. A leitura não possui pausas, assim como o ritmo do romance é constante. A principal cena do romance (Pedro indo de ônibus para a casa de Rosane) viabiliza várias implicações acerca de tudo que será abordado na narrativa, por ser uma das situações mais presentes no cotidiano da classe social alvo do autor – um momento de opressão, de espera, de luta, de desumanização. Sendo assim, o estado inicial e o estado final do romance não se modificam de forma significativa. No início do romance Pedro está em um local e no fim está em outro, porém as reflexões levantadas pelo protagonista e a barbárie social permanecem estáveis.

O trabalho como principal mediação estética em “Passageiro do Fim do Dia”

O tempo histórico do romance acompanha a era do capitalismo contemporâneo e o espaço evidencia a barbárie em que vive o proletariado. Logo, o romance é todo construído com relatos significativos de trabalho que, em sua maior parte, tem como base a exploração. Entendido aqui como a atividade de transformação da natureza, num processo que acaba por transformar o próprio homem, o trabalho no Brasil já nasce sob a égide da *exploração*. *Passageiro do fim do dia* é a construção de um quadro social contemporâneo, sendo este marcado pela tensa convivência de formas arcaicas e modernas de execução, organização e exploração do trabalho, cada vez mais assombrado pelos avanços tecnológicos, os quais, por um lado, representam um enorme ganho para a produção e até para os trabalhadores,

mas que, por outro lado, tendem a suprimir quantidades enormes de postos de trabalho.

Nas primeiras páginas do romance já é possível perceber a variedade de profissões que evidenciam o quadro histórico a respeito da economia brasileira. Uma delas trata-se de um trabalho informal, “um homem com um olho coberto por um curativo vendia sacos de amendoim, pacotes de biscoito e aparelhos de barbear feitos de plástico” (FIGUEIREDO, 2010, p.16)²⁵; outro exemplo, “ali dentro, uma mulher vendia pacotes de biscoitos, paçocas, balas, bananada, mate e refrigerante em latinha” (PFD, p. 84) até mesmo Pedro, a personagem principal, trabalhava com a venda de livros, “pensou nos livros que, meia hora antes, tinha posto na calçada para vender – todos bem arrumados em cima de um papelão” (PFD, p.19).

Manifestadas por meio de ações e figurações, as experiências sociais das personagens que Pedro observa, inclusive ele – observado pelo narrador –, revelam como o trabalho, que acompanha o homem desde seu próprio processo de formação, ao longo da história foi constantemente, e de forma impiedosa, um mecanismo de sujeição e exploração dos homens uns pelos outros. Cabe ressaltar inclusive que só é possível pensar em Brasil a partir da invasão europeia nas terras que viriam a se tornar o continente americano. É do processo de invasão, colonização e exploração da América portuguesa que nascerá o Brasil, sintomaticamente batizado com o nome da mercadoria que inaugurou o primeiro grande processo de exploração do trabalho nesse espaço. A exploração do trabalho, portanto, está no cerne da formação do Brasil e da sociedade brasileira e afetou diretamente ou indiretamente todos os aspectos da produção e da reprodução da vida da população, incluindo-se aí a produção artística e a cultura letrada.

No romance em análise, é emblemático o modo como a exploração do trabalho marca a vida das personagens. Rosane,

²⁵ Doravante, o romance será citado por meio de suas iniciais (PFD) seguidas do número da página.

namorada de Pedro, como quase todos os outros personagens, depende da venda da força de seu trabalho para sobreviver. Isso a obriga a se submeter ao trabalho precário, “não tinha horário fixo, era obrigada a fazer horas-extras a qualquer momento e sem a remuneração devida por isso, havia mudanças de turno a toda hora e sem avisos, e por isso ela teve de largar o colégio: seus dias, mal nasciam, eram tomados um a um, em troca de quase nada” (FIGUEIREDO, 2010, p. 158). A força de trabalho de Rosane, de Pedro, de Júlio, dos moradores do Tirol, da Várzea e de onde Pedro morava, havia se tornado uma mercadoria como qualquer outra. Isso significa dizer que os operários vendem ao capitalista a sua força de trabalho em troca de um salário, para assegurar os meios de vida necessários para viver. “As doze horas de trabalho não têm de modo algum para ele o sentido de tecer, de fiar, de perfurar, etc., mas representam unicamente o meio de ganhar o dinheiro que lhe permitirá sentar-se à mesa, ir à taberna, deitar-se na cama.” (MARX, 1982, p.10). Portanto, o trabalhador depende da venda da força de seu trabalho para sobreviver, compete-lhe se submeter às condições precárias de trabalho e encontrar quem o queira contratar. E mais, a venda do seu trabalho promove o crescimento do domínio da burguesia sobre a classe trabalhadora.

O desemprego está presente no romance do começo ao fim. O pai de Rosane é um exemplo de personagem que passou pelo desemprego e foi obrigado a tentar ganhar dinheiro vendendo “produtos miúdos na calçada sobre um tabuleiro dobrável feito de madeira” (FIGUEIREDO, 2010, p.118), isso porque “[...] de tanto trabalhar descalço, sem luvas, ele pegou uma alergia ao cimento cru, ou quem sabe a algum componente do cimento” (PFD, p. 100).

O pai de Rosane foi excluído desse sistema de trabalho após ter sido declarado inválido. “O cimento até então era o seu trabalho, era o seu dia [...] era o seu salário, o seu patrão” (PFD, p.101). Depois de mais de vinte anos trabalhando, o pai de Rosane não compreendia essa exclusão; não compreendia ter sido descartado dessa forma do mercado de trabalho e agora pensava

“o que seria da sua casa, da sua família, da sua filha [...] olhava, olhava, sem atinar com o que ia fazer da sua vida quando afinal o dia nascesse” (PFD, p. 102). O pai de Rosane sabia que ao perder o emprego ele perderia os recursos pra se manter vivo; a ele e a sua família seria negada a entrada no supermercado; não haveria comida; não haveria água; rapidamente, não haveria vida. Movido pela angústia, ele foi vender produtos na calçada com a ajuda de um policial que lhe dava os produtos, emprestava o tabuleiro, dizia o lugar e o horário, “desse negócio o pai de Rosane tirava uma receita diária minúscula, que vinha se somar à sua aposentadoria por invalidez. Os pés inchavam, mas em compensação não havia riscos, assegurava o policial” (PFD, p. 118). Esse trecho evidencia uma reestruturação produtiva que já vinha ocorrendo no mundo industrializado. Novas formas de gestão do trabalho, flexibilização, terceirização, entre outras práticas, estavam sendo experimentadas pelas empresas.

Aquela vez em que o cavalo o pisoteou foi sua última tentativa de vender livros na calçada. Tinham dito a ele que era fácil, muita gente estava entrando nos negócios por esses caminhos – disseram e repetiram, os negócios, o dinheiro, e ele mesmo viu na televisão a entrevista de um sociólogo que falou sobre o espírito empreendedor represado naqueles vendedores de calçada. Parecia fácil, parecia certo, até bonito – ou então Pedro não prestou atenção às ressalvas. (PFD, p.42).

No romance, esse novo caminho tomado pelos trabalhadores é guiado pela insegurança que passa a fazer parte do cotidiano do assalariado, uma vez que o desemprego é parte estruturante do modo de produção capitalista. Ao apresentar a situação de aporia em que se encontra o proletariado, o romance dá a ver que o trabalhador não tem saída nem na órbita do trabalho, em que de formas que vão desde as mais cruéis às mais sofisticadas, nem fora do trabalho, pois o desemprego representa a morte social e ameaça com a morte física.

Os seus colegas, na grande maioria, foram ficando desempregados, no máximo arrumava trabalhos clandestinos, e por um tempo curto, em que ganhavam ainda menos. Naqueles serviços, não tinha hora para ir para casa, os pagamentos atrasavam semanas, meses até. Várias vezes levavam calote do patrão e no fim não recebiam nada. (PFD, p.117).

Através desse quadro presenciamos alterações significativas no processo produtivo. Os donos das empresas começam a adotar estratégias empresariais que se preocupam mais em cortar custos, provocando a redução de postos de trabalho. Por consequência há uma precarização do trabalho pelo aumento da competitividade (são muitos desempregados ao mesmo tempo, o que, por consequência, gera o aumento do nível de procura), levando à decadência a qualidade do emprego e das relações de trabalho. Ou seja, temos um quadro do mercado de trabalho marcado pela exploração predatória de mão-de-obra barata. Diante disso, a exploração do trabalho estava sendo mascarada pelas diversas formas de empreendedorismo, cooperativismo, trabalho voluntário e trabalho atípico. Além do furacão da crise do sistema capitalista, presenciamos a exorbitância do desemprego em grande escala, atingindo trabalhadores homens, mulheres, estáveis ou precarizados, formais ou informais, nativos, imigrantes, sendo que estes últimos são os primeiros a serem penalizados (ANTUNES, 2010, p. 633).

Nesse conjunto, desemprego e emprego são apresentados na obra como faces da mesma moeda, que é a exploração do trabalho na estrutura do modo de produção capitalista:

A mulher contava enquanto as mãos – cobertas com luvas de borracha grossa, apertadas, um pouco duras demais nas articulações dos dedos e impróprias para aquele trabalho – enquanto as mãos não paravam de procurar os copinhos de mate com defeitos para consertar se possível e pôr de lado se não fosse. Os movimentos repetidos, dela e de Rosane, o virar e revirar tão certos do pulso das duas

marcavam com um toque de escarnio, de máquina, tudo aquilo que ela contava [...] Pior foi quando o pulso de Rosane começou a doer [...] o médico de fato atendeu Rosane depois de duas horas de espera no banco [...] sem gesso, iam mandar Rosane de novo para trabalhar com os copinhos e ela ia ter de ficar lá, em pé, até sua mão cair dura no chão. (PFD, p.154).

O trecho acima materializa narrativamente uma das deformações das relações de trabalho. As etapas presentes no processo de industrialização estão sendo desvinculadas do conhecimento e do preparo especializado, reduzindo-se a simples trabalho. Isso significa que o modo de produção capitalista tem destruído de forma sistemática as habilidades específicas à sua volta (passa de um trabalho específico, merecedor de uma habilidade especial do trabalhador, para uma força produtiva simples, sem muita exigência física e intelectual, tornando-se acessível a todos e barata, tendo como resultado a desqualificação e o controle), fazendo surgir qualificações e ocupações superficiais correspondentes às necessidades imediatas da indústria. Por outro lado, observamos que há sim uma parcela mínima de pessoas que possuem instrução e conhecimento, estando estas isentas da obrigação do trabalho mecânico.

Dentro desse sistema, há formação dos intelectuais “orgânicos”, da classe burguesa, que são os indivíduos participantes de um organismo vivo em expansão que contribuem para a manutenção da hegemonia. E, em contraponto, os “tradicionais”, sendo os indivíduos que ficam atrasados, afogados por um mundo antiquado retardando seus exercícios cerebrais. Por consequência, desenvolvem um distanciamento problemático provocador da perda da compreensão do sistema de produção e das lutas hegemônicas, onde se decide o resultado final do jogo do poder econômico e político, promovedor da exclusão (GRAMSCI, 1995, p. 119).

Em *Passageiro do Fim do Dia* presenciamos um número considerável de mulheres desempregadas. A mãe de Rosane (p.32), a mãe de Pedro (p.43), ex-colega de escola de Rosane (PFD, p.60), várias mulheres do bairro de Tirol e Várzea:

Agora uma família desconhecida tinha vindo morar ali, formada por avó, mãe e duas adolescentes, cada uma com uma filha pequena. Nenhuma dessas mulheres tinham emprego, só conseguiam trabalho por tempo curto, distribuindo folhetos nos sinais de trânsito nos fins de semana, e muitas vezes catavam latinhas pelas ruas para revender. (PFD, p.37)

Ser um trabalhador qualificado não tem o mesmo sentido para homens e mulheres. As políticas de formação, ao serem centradas no trabalhador masculino, reforçam desigualdades. No universo feminino, essa divisão sexual presente no trabalho e as inovações podem reforçar a exclusão das mulheres, principalmente as mulheres não-qualificadas. É importante perceber que os empregos não-qualificados se “feminizam” cada vez mais. Por fim, enfatizamos que os impactos das inovações no trabalho geram consequências diferentes considerando o sexo, a nacionalidade e a cor.

Assim, o romance desenha as consequências de uma modernização tecnológica que produz no processo de trabalho dois setores polarizados em termos de suas qualificações: de um lado, um pequeno setor altamente qualificado, “Júlio já estava formado e trabalhava em uma firma de advocacia bastante próspera” (PFD, p.45); “a juíza pegou um livro mais novo e mais limpo do que os outros, escrito por um publicitário aposentado que ensinava como ser feliz, rico e famoso, como ele mesmo dizia ser” (PFD, p.45); de outro, toda uma massa de trabalhadores pouco qualificados. Isso se agravaria com a introdução de novas tecnologias que, ao reforçarem os delineamentos da divisão do trabalho, intensificariam a desqualificação da mão-de-obra. No processo de trabalho capitalista, a unidade natural do trabalho seria quebrada, separando-se a concepção da execução e gerando

drásticas consequências, por exemplo, colocando em risco a saúde dos operários, baixos salários, exploração etc.

Através do trabalho os indivíduos encontram meios de se manter ativos e funcionais na sociedade, cooperando para o equilíbrio social. Com base nisso, o trabalho interfere de forma significativa no espaço, uma vez que a ausência deste representa um caos social:

As brigas de socos e de pedradas se transformaram em tiroteios, os revolveres deram lugar aos fuzis e depois a granada. Os homens que vendiam um tipo de droga passaram a vender dois tipos e depois três [...] os nomes Tirol e Várzea começaram a aparecer nos jornais, na televisão, nos noticiários de crime. Os grupos armados nos dois bairros pareceram crescer e se hostilizavam. Juravam vinganças seguidas. Sem notar, as crianças começaram a aprender aquela raiva desde pequenas. Educavam-se com ela, tomavam gosto e se alimentavam daquela rivalidade. Cresciam para a raiva: aquilo lhes davam um peso, enchia seu horizonte quase vazio – nada senão aquilo fazia delas alguém mais presente” (PFD, p. 53-54).

O recorte acima ilustra que o trabalho forma o homem e forma seus sentidos, e, evidentemente, o trabalho explorado, ou sua falta, também participa desse processo deixando marcas na constituição humana, nos sentidos, abrindo graves feridas na sociedade, dando origem à barbárie e afetando de forma significativa o seu espaço. A grande e perversa contradição aqui reside em que, apesar da exploração do trabalho, da baixa remuneração, do pouco prestígio, etc., a mera inserção da população pobre no campo profissional já representa uma melhora de vida significativa, uma vez que, fora disso, o que sobra é a miséria, a fome, a criminalidade e, frequentemente, até mesmo a morte.

O romance é construído através de múltiplas imagens, como essa de Tirol e Várzea, que resistem ao esquecimento fazendo-se presentes na memória da personagem. O Tirol e a

Várzea são projetados por meio da lembrança, uma projeção que aponta para a dinâmica por meio da qual o espaço forma a subjetividade e em que a subjetividade conforma o espaço. Pedro, durante a viagem de ônibus, ocupa um espaço e vivencia esse espaço urbano concretamente, porém, outros espaços como o Tirol e Várzea são projetados pela memória que se materializam por meio da invocação da subjetividade em confronto com a experiência atual da personagem. Isso significa que Pedro projeta o tempo-espaço das demais personagens e essas lembranças são filtradas por meio da sua visão de mundo. Através de Pedro temos acesso, por exemplo, aos relatos segundo os quais Rosane não vê mais o Tirol como via na infância, pois este foi transformado pela violência, pelo descontrole no crescimento populacional, pela pobreza e pelo esquecimento.

Há uma importância apreciável do espaço para a estruturação do romance, porém entendemos que a estrutura do romance, em sua forma latente, aponta para outra principal mediação estética, que é o *trabalho*. Ou seja, a constante mutação que a sociedade sofre está diretamente ligada com as transformações no mundo do trabalho. Portanto, o trabalho possui uma função relevante na construção dos espaços e na construção das personagens em *Passageiro do fim do dia*.

É possível identificarmos que a organização do romance se dá por meio da estrutura formal do encaixe. Isso significa dizer que um conjunto de histórias secundárias, não menos importantes, é englobado na primeira. Ou seja, cada nova personagem ocasiona uma nova história (TODOROV, 1979, p.124). Todos esses recortes que formam o romance estão intrinsecamente ligados, seguindo uma lógica sintática de orações subordinadas. Conforme adiantamos acima, o trabalho é a mediação latente que oferece coesão à narrativa, que obedece ao fluxo de consciência de Pedro. É importante, destacar, no entanto, que esse fluxo é mediado pelo narrador, que seleciona e organiza os pensamentos do protagonista a partir de seu próprio horizonte de visão.

Todos esses encaixes são subordinados ao filtro da perspectiva de Pedro. O protagonista é a personagem focalizadora, portanto a perspectiva passa por ela. O universo ficcional e as outras personagens são vistas pelos olhos de Pedro ou são frutos da subjetividade do protagonista. Porém é notável a presença do narrador, que observa Pedro, que narra seus passos e que introduz o romance com um comentário explícito:

Não ver, não entender e até não sentir. E tudo isso sem chegar a ser um idiota e muito menos um louco aos olhos das pessoas. Um distraído, de certo modo – e até meio sem querer. O que também ajudava. Motivo de gozação para uns, de afeição para outros, ali estava uma qualidade que, quase aos trinta anos, ele já podia confundir com o que era – aos olhos das pessoas. Só que não bastava. Por mais distraído que fosse, ainda era preciso buscar distrações (PFD, p.1).

Esse comentário faz parte do discurso do narrador (que se mantém ausente da história) a respeito de Pedro, objetivando distinguir e hierarquizar a personagem e, por consequência, coopera para a clareza do texto e de sua leitura. Por fim, o narrador não é onisciente, por existir uma personagem focalizadora. Dessa forma, o universo é filtrado por uma consciência, fazendo o narrador ter uma visão de fora, mas se aproximando radicalmente da perspectiva de Pedro por meio do discurso indireto livre. Essa técnica transmite a sensação de o leitor fazer parte do pensamento do protagonista.

Uma das cenas encaixadas, por exemplo, é a narrativa da família de Rosane sendo expulsa do meio rural para a cidade em busca de uma vida melhor. Essa cena introduz o histórico das personagens no romance, sendo fundamental para a construção do sentido completo da obra:

Trabalhavam como caseiros num sítio cujo dono só aparecia de dois em dois meses e não lhes pagavam um salário fixo. Nada possuíam, viviam à beira da penúria e,

se não plantassem abóbora, aipim, bananas e criassem galinhas num canto das terras do sítio, teriam dificuldades até para comer. Ainda por cima tinham de esconder a maior parte do que colhiam, porque o dono, quando vinha, se julgava no direito de levar o que tivessem produzido. Aqueles legumes, frutas, aquelas galinhas eram, para o dono do sítio e sua família, uma espécie de farra adicional à diversão regular dos feriados e das folgas no trabalho. (PFD, p.32).

Essa cena revela a história das personagens, situa o leitor no contexto social e entrega informações de extrema relevância para o todo do romance. Portanto, agora, arrancados do campo, a mãe de Rosane sonha com a possibilidade de ir morar na cidade com sua família. A vida urbana se apresenta como atraente, segura e de “gente moderna”, pois oferece um número maior de oportunidades e proporciona um aparente ou real progresso individual. Alimentada por este desejo, a mãe de Rosane ganha uma casa (por ter se inscrito num programa lançado pelo governo) no Tirol, um bairro onde o que aproximava a todos era a extrema pobreza. No romance, não foi somente essa família que se sentiu pressionada a migrar para a cidade:

A imagem daquela gente que de uma hora para outra começou a percorrer as ruas com suas mobílias e seus pertences – gente que parecia vir às pressas e em fuga, e todos ao mesmo tempo –, a presença à força de pessoas que eles não chamaram, não conheciam, não queriam ali – acabou formando nos moradores da Várzea a ideia de que aquela gente vinha para prejudicar, vinha para desvalorizar a vizinhança de algum jeito, para degradar o bairro todo. Ou, quem sabe, até coisa pior. (PFD, p.38).

No caso da família de Rosane, que saiu da miséria do campo, onde nem casa tinham, e de grande parte dos moradores do Tirol, que migraram em busca de uma vida melhor, começam a se sentir vencedores. Muitas mulheres saíram da extrema pobreza e se tornaram doméstica, caixa, manicure, cabelereira,

enfermeira, recepcionista, vendedora, operaria etc., assim como muitos homens no mesmo quadro se transformaram em porteiro, motorista de taxi, mecânico, padeiro, garçom, etc. Houve alguns que se especializaram, por exemplo, em construção civil, pintor, eletricitista, ou na empresa industrial. Os negros pobres ficaram confinados ao trabalho subalterno, rotineiro, mecânico, mas até eles, em geral melhoraram de vida (MELLO e NOVAIS, 2009, p.10).

Todas essas considerações de uma única cena encaixada introduzem e complementam as outras cenas. Esse sistema de subordinação está presente no romance inteiro. Outro dado de grande relevância que não pode ser ignorado e que também se apresenta através das cenas encaixadas é a cor da população. Por meio de vários índices narrativos, o romance vai sendo povoado por uma grande quantidade de personagens negras: o motorista “de cabelo crespo para trás. A pele da testa, escurecida e ressecada pelo sol” (PFD, p.15); Pedro, “também devia haver alguns cacos entranhados no seu cabelo crespo, espesso, cheio de anéis miúdos” (PFD, p.18); Rosane, “Pedro observava no canto do pulso fino uma pontinha de osso que se mexia por baixo da pele marrom ao menor movimento dos dedos” (PFD, p. 31); “o menino que jogava era magro, cabelo preto, crespo e cerrado como uma touca em volta do crâneo meio pontudo na parte de cima” (PFD, p.134); e por consequência seus familiares, ou, pelo menos, boa parte deles. Esse dado é relevante para compreendermos, no romance, a situação das personagens a partir de uma visão histórica, considerando que os negros permanecem à margem da sociedade e encontram dificuldades para existirem como sujeitos de direitos.

Inúmeros pesquisadores discutem ou já discutiram sobre as condições de vida dos negros no Brasil. Esses estudos mostram que os negros permanecem à margem da sociedade e encontram dificuldades para existirem como sujeitos de direitos, especialmente no que se refere ao mercado de trabalho, isso tudo

fruto do sistema escravocrata que foi sustentado no período pós-abolição se tornando estrutural no capitalismo.

A partir da história da escravidão no Brasil, foram-se estabelecendo, internalizando, massificando e naturalizando representações racistas sobre o negro. Com base nisso, os lugares sociais que cabiam aos negros eram a periferia, a ocupação de cargos subalternos, os locais marginais da sociedade. Rosane vive isso, “em suma, tudo aquilo – o trabalho, a escola, saber ler e escrever, o centro da cidade, a cidade propriamente dita, com seus bairros e suas atividades oficiais –, tudo pertencia ao mundo que as deixara para trás, que as empurrara para o fundo: era o mundo de seus inimigos” (FIGUEIREDO, 2010, p.56). Mesmo com a abolição da escravatura, o negro permanece escravo de um sistema que insiste em excluí-lo e negar oportunidades. Suas dificuldades de inserção no mercado de trabalho são interpretadas como incapacidade, tomadas como sinônimo de sua inferioridade racial, “isso Rosane já havia entendido, dava para sentir muito bem, era quase palpável. Mas ela ainda não conseguia admitir inteiramente, não queria extrair as consequências nem queria sentir-se parte daquilo” (FIGUEIREDO, 2010, p.56).

Também é importante refletirmos sobre as implicações que a educação possui dentro desse sistema regente do trabalho no romance.

Depois de frequentar a escola durante alguns anos, algumas delas mal sabiam ler, trocavam letras, paravam no meio. Encaravam as palavras e as contas com hostilidade. Rosane lembrou-se de duas amigas de escola que agora, já adultas, conseguiam ler porque tinham aprendido quando pequenas, mas não acreditavam nem pensavam em continuar estudando. (FIGUEIREDO, 2010, p. 56).

Essa cena nos remete à reflexão de que a escola é reprodutora de hierarquias sociais. Deste modo, a cultura escolar fundadora da socialização está longe de ser universal e objetiva,

ao contrário, ela está próxima da cultura familiar dos alunos socialmente favorecidos, fora do contexto das personagens do romance. Com base nisso, a seleção social é legitimada pelo culto da cultura escolar. Em relação aos alunos de origem popular pobre, esse sistema exerce sobre eles uma verdadeira violência simbólica, uma aculturação.

Algo também relevante a ser observado no romance é o modo como as personagens se relacionam com a educação. Rosane se vê às voltas com a educação de jovens e adultos no período noturno, por ver no estudo uma ferramenta de ascensão profissional e social. Pedro, pobre mas filho de classe média, consegue entrar no curso superior, porém não consegue se manter na faculdade de Direito: “Pedro abandonou a faculdade gratuita depois de ficar matriculado quase seis anos [...] se distraía com os conceitos e as teorias do direito [...] e se admirava quando via que, usadas por ele, não faziam sentido e não produziam efeito nenhum” (PFD, p.43). O acesso ao ensino superior pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais. Ou seja, um jovem da camada superior tem aproximadamente oitenta vezes mais chances de entrar na universidade que um jovem de classe média (BOURDIEU, 1966, p. 44). E mais, o nível de instrução dos membros da família serve como indicador que permite situar o nível cultural de cada família. É esse nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança. Portanto, o fracasso do jovem está ligado ao fracasso dos pais, que se ligam ao fracasso de toda uma comunidade. Isso implica que a herança cultural é transmitida entre os indivíduos.

Sabia que uma ou outra que se matriculava no colégio só para obter uma declaração e poder contar com uma segurança mínima desse documento. Ou se matriculavam porque os patrões, nas casas onde trabalhavam como faxineira e cozinheira, queriam que elas tivessem o cartão de estudante para andarem de graça nos ônibus pois assim

não precisavam pagar a passagem de suas empregadas.
(PFD, p.56)

O comentário que Rosane faz sobre algumas de suas amigas revela que o sistema de valores explícitos e, principalmente, implícitos em relação à escola se diferencia de acordo com a posição social. Os jovens da periferia são alvo fácil de preconceitos, fora e dentro da própria comunidade escolar (por colegas, familiares, professores, etc.). Diante disso, a própria comunidade periférica apresenta prejulgamentos, hostilidade e intolerância, que são alimentados pelas experiências e pela estatística das derrotas ou dos êxitos dos indivíduos do seu meio.

Todas essas cenas analisadas seguem uma lógica expressa na teoria de Darwin, presente no romance, que prega a seleção natural e as transformações das espécies. Com base nisso, o homem é explorado como produto biológico, possuidor de comportamento patológico e animalesco, onde o meio interfere de forma significativa nos indivíduos e esses disputam entre si espaços socialmente favorecidos – no romance o darwinismo funciona como alegoria da luta de classes.

Uma vespa – Pepsis – mergulhou no ar na direção de uma aranha – Lycosa – e alçou voo outra vez. Foi tão rápido que ninguém teria certeza do ataque se a aranha não tivesse cambaleado em sua fuga e rolando numa pequena depressão de barro encharcado (...) ainda teve forças de se arrastar para baixo de umas plantas rasteiras, onde sem dúvida pretendia se esconder (...) Darwin descreveu assim: ‘Teve início uma caçada tão sistemática quanto a de um cão que persegue uma raposa’ (...) Tudo o que soube, ao fim da página, ao fim da história, é que Darwin capturou ‘o tirano e a vítima’. (PFD, p.25)

O livro sobre Darwin fazia parte da seleção de livros que Pedro vendia quando era camelô. Após ter sido pisoteado por um cavalo em uma ação de repressão policial contra os trabalhadores ambulantes, Pedro ganha o processo judicial, com a interferência de Júlio, seu amigo advogado, e com o dinheiro abre um sebo. O

protagonista lê durante o caminho, quando não está ouvindo a rádio, esse mesmo livro, que aborda estudos sobre a evolução. A leitura estimula memórias significativas, que fomentam no protagonista reflexões sobre a desigualdade social, sobre a ideia de superioridade e inferioridade e sobre a dominação de um sobre o outro.

Assim como Darwin na sua busca de compreender, a personagem se torna o observador das experiências alheias a sua, mesmo estando no mesmo caminho que os observados. O protagonista projeta para fora de si a sua própria experiência: “Pedro começava a ver a si mesmo no reflexo do vidro: sua imagem surgia mais nítida à medida que escurecia lá fora, assim como as imagens dos outros passageiros. Pedro procurou os olhos deles no reflexo das janelas” (PFD, p.197). Esse relato aponta para um esforço de compreensão do mundo por parte de Pedro, o que inclui conhecer a si mesmo nesse mundo. Esse processo, no entanto, é bastante turbulento, assim como sua viagem, cheio de contradições e limitações. Nesse universo pelo qual Pedro transita e que tenta assimilar, as possibilidades de compreensão também parecem inacessíveis, fragmentárias, caóticas.

Ainda em relação ao modo como o darwinismo atua no romance de modo a fomentar as reflexões de Pedro e oferecer um substrato cognitivo para o mundo que a personagem tenta compreender, merece destaque a alegoria do confronto entre a vespa e a aranha, compreendidas aqui como representação da luta entre dominador \times dominado, “o tirano e a vítima”, que se enfrentam constantemente em busca da sobrevivência. Durante todo o romance, o protagonista sofre com as marcas definitivas deixadas pela repressão policial. Nas recordações, Pedro sente um grande ressentimento ao se lembrar da violência, da crueldade, e de como, tão facilmente, se tornou presa fácil para a vespa enquanto trabalhava. Essa metáfora representa muito bem o universo capitalista; a busca de supremacia de uns poucos alimentada pela submissão de outros muitos, através de mecanismos de sujeição e exploração. O mundo torna-se cada vez

mais hostil para o proletariado, que tem cada vez mais dificuldade para se adaptar nesse processo de seleção que não é natural, é histórico.

O episódio aponta para o modo como, no capitalismo, a exclusão é operada sistematicamente, é estruturante, a ponto de o braço armado do Estado empregar a violência para coibir ação econômica à margem da “economia oficial”. Obviamente, essa repressão só ocorre contra os pobres. Esses excluídos do mercado de trabalho formal são impedidos também de atuar no mercado informal. Os excluídos do centro da cidade (e tudo que isso representa) também são hostilizados na periferia (como se observa na dificuldade de Pedro e dos demais moradores em voltar para casa). O romance desnaturaliza os processos de exclusão, opressão e as desigualdades sociais. Socialmente, parece natural que muitos sejam pobres e poucos sejam ricos, que poucos vivam bem e muitos sejam oprimidos. *Passageiro do fim do dia* tem o grande mérito de equacionar a desigualdade social em chave histórica.

Essa jornada de sexta-feira rumo ao Tirol, emparelhada com a leitura do livro de Darwin, leva Pedro a começar um raciocínio que vê a vida como um processo de evolução em que “alguns indivíduos resistiram por mais tempo; outros fraquejaram, ficaram para trás” (PFD, p.9). Esse trecho é chave para pensarmos sobre a condição social e econômica das personagens desse romance. A amiga de infância de Rosane, por exemplo, provoca estranhamento através de suas atitudes no trabalho, “uma doida, um bicho, disse Rosane para Pedro em voz baixa (...) ela acusava com amargura a amiga de infância, acusavam as pessoas que eram como ela” (PFD, p.62). Rosane e sua amiga são lados diferentes de uma mesma moeda; a amiga representa o avesso de Rosane dentro de um mesmo processo, ou seja, não é que os mais *fortes* sobrevivem, mas, sim, os mais *adaptados*. A amiga de Rosane poderia ser tomada como a representação da força, considerando que se mantém viva e indiferente às regras sociais, mas sem dúvida, Rosane representa

o “ser adaptado”, o eleito pela seleção natural; no fim, ambas são esmagadas pelo sistema capitalista. O trabalho explorado é uma maldição, mas a recusa ao trabalho não é uma opção viável no plano individual.

Quinze minutos depois de começar a trabalhar, se irritou com alguém que reclamou da sua voz alta. Em meia hora criou um problema sério por se recusar a fazer de novo uma faxina num pequeno banheiro. Depois brigou com uma colega que reclamou porque ela pegou um pouco da sua comida na geladeira, só para provar. Pegou o telefone celular que estava em cima da mesa para fazer uma ligação e, três horas depois de chegar, saiu pela porta de vidro aos gritos, abanando os braços, atirou-se direto pela escada, não quis nem esperar o elevador – com raiva também do elevador, que não vinha buscá-la depressa. E não voltou mais. (PFD, p.62).

Podemos pensar que a história da realização do ser social se efetiva pelo trabalho – ato consciente. Dessa forma, o seu desenvolvimento se dá pelos laços de cooperação social, que existem no processo de produção. A amiga de Rosane não consegue se adequar ao ambiente de trabalho e às regras estabelecidas socialmente, “ali, sua vizinha e amiga de infância tomou na mesma hora um aspecto incômodo, impertinente e quase aberrante aos olhos de Rosane, como aos olhos dos outros” (PFD, p.62). Pensando nisso, o ato de produção e reprodução da vida humana se realiza através do trabalho. Ou seja, o trabalho é constitutivo da construção do homem enquanto homem e é a forma originária da atividade humana. Dito isto, é através do trabalho, por exemplo, que o homem se torna um ser social. Por não ter se adequaredo a esse sistema, a amiga de Rosane foi zoomorfizada, “uma doida, um bicho, disse Rosane para Pedro em voz baixa” (PFD, p.62). No que é unicamente humano, o trabalho, a amiga de Rosane é vista como um animal pela falta de adequação a esse sistema estabelecido socialmente.

Uma das possíveis explicações para o estranhamento da amiga de Rosane frente ao trabalho é provocado pela perversa contradição presente no capitalismo de que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; quanto mais valores cria, mais se torna sem valor; quanto mais formado seu produto, mais deformado se torna o seu trabalho. Esse processo de estranhamento do trabalho abrange o próprio ato de produção, “o que significa dizer que, sob o capitalismo, o trabalhador repudia o trabalho; não se satisfaz, mas se degrada; não se reconhece, mas se nega” (ANTUNES, 2015, p. 172).

Pensando em todas essas cenas, quando Pedro pega o ônibus e vai rumo à casa de Rosane, encontramos a cena base. As demais cenas são todas projeções de Pedro que se integram à cena base, cooperando para a ampliação da logicidade do romance. Com base nisso, para que as personagens no romance possam vir à vida é necessário que Pedro as inclua na narrativa, dessa forma, a primeira narrativa se subdividirá em várias outras. Cada narrativa possui sua lógica, possui algo a mais do que já foi dito, portanto, funciona como suplemento para o desenrolar do romance. Nessa lógica, encontramos uma cena, por exemplo, que representa uma das possíveis consequências advindas da soma de todos os outros cenários, isto é, uma espécie de condensação dos conflitos de classe latentes e ostensivos.

Na volta para casa, passava no supermercado e olhava para as prateleiras com mágoa, com uma cobiça pesada: cada produto, cada marca em letras vibrantes era uma ofensa. De vez em quando a visão chegava a se estreitar, uma sombra se fechava pelos lados dos olhos, os tons coloridos das embalagens se borravam de preto e nessas horas o pai de Rosane tinha de piscar os olhos e piscar de novo, três, quatro vezes, para voltar a enxergar direito as mercadorias, que pareciam sumir. No fim, sem saber muito bem o que estava fazendo, ia para a caixa com um pacote de margarina, um saco de pão de forma e um outro

de arroz só pra não dizer que não estava levando nada. (FIGUEIREDO, 2010, p.107)

O pai e a tia de Rosane se cadastraram num programa que o governo estava promovendo no Tirol, “ofereciam um valor fixo mensal só para a pessoa fazer compras no supermercado, contanto que o candidato preenchesse certos requisitos” (FIGUEIREDO, 2010, p. 107). O nome da tia de Rosane apareceu na lista dos favorecidos, porém “os tais cheques não eram aceitos em qualquer lugar. Certa vez ocorreu o boato de que mais nenhum supermercado ia receber aquela forma de pagamento. Quem tinha um crédito nas mãos se afobou em gastar logo tudo” (idem, ibidem). O pai e a tia de Rosane foram até o supermercado na Várzea, o único lugar próximo que aceitava esse programa, essa era a única chance deles comprarem um pouco mais que “um pacote de margarina, um saco de pão de fôrma e um outro de arroz” (idem, ibidem), porém “quando a moça passou o cartão na máquina, soou um apito. Pela cara que ela fez, o pai de Rosane viu logo que não tinha dado certo” (PFD, p.115).

Se eles não tinham como pagar – explicou a moça, com uma voz calma, de quem parecia entender a situação, de quem compreendia tudo, até bem demais, só que gostaria que nada daquilo tivesse acontecido e preferia que eles fossem embora logo – se não tinham como pagar, explicou a moça, teriam de pôr tudo de volta nas prateleiras (...) com a ponta dos dedos, a tia de Rosane empurrava de leve a mercadoria em seu lugar, fazia questão de alinhá-lo de acordo com as outras. Cada produto de que se desfaziam causava mágoa. A garganta apertava (...) só aí o pai de Rosane olhou para a esquerda e percebeu que a cunhada fungava, puxava para dentro algum resto de choro. (PFD, p.117)

Ao descobrir sua intolerância ao cimento, “e então, teve raiva do cimento, teve raiva dos pés” (PFD, p.102), o pai de Rosane, frente ao desemprego, com a exclusão do mercado, interiorizou uma imagem de si negativa, desmoralizante, de

inferioridade, de inadequação, de exclusão, de um não ser. O trabalho aqui é compreendido como atividade vital, como dever, como uma obrigação social, como uma necessidade pra se manter vivo. Afinal “o próprio homem que trabalha é transformado pelo seu trabalho” (ANTUNES, 2015, p. 171), este é o momento fundante do ser social, que permite condição para sua existência.

Essa, sem dúvida, é a cena do romance que mais provoca choque frente à barbárie. Esse espaço (no mercado) só é possível existir por causa de todas as implicações já apresentadas sobre o trabalho. Esse trecho é a solidificação do efeito que o trabalho, ou a falta dele, provoca nos espaços e nas personagens dentro do romance. O capitalismo, em sua fase consumista, ludibria o indivíduo com coisas inacessíveis ao seu mundo real, promovendo, portanto, nesse contexto específico do trabalho, a perversa exclusão.

Esse cenário se torna ainda mais gritante pelo complemento que o romance traz, em outra cena, sobre publicidade. A televisão se integra à vida das personagens se tornando a principal, e em muitos casos a única, forma de lazer e informação. Considerando que no romance as relações humanas se dão por meio da mercadoria e que essa mercadoria possui uma imagem, a publicidade produz motivações inconscientes, tentando manter a condição fetichista da ordem social.

Na tevê à frente deles, um anúncio de um banco mostrou um casal risonho, de roupas bem passadas, com cartões de plásticos coloridos nas pontas dos dedos: os dois cartões se tocavam e, com uma faísca prateada que saltava, parecia que os cartões se beijavam no ar. De repente, uma mangueira esguichava em leque por cima de um gramado. Um carro encostava diante da casa recém-pintada. A lataria espelhava o azul do céu. Uma porta do carro abria, uma criança saltava para fora e corria sobre a grama. A tela inteira era tomada pela cabeça e pelo tronco de uma jovem no impulso de sair de uma piscina, enquanto a pele bronzeada gotejava. Os quinze segundos do anúncio se

arrastava, não queriam passar. Tentavam congelar-se, ficar em suspenso, encher a sala e a casa, enquanto Pedro e Rosane sem perceberem, aguardavam mudos, atentos à promessa de um sinal, de uma autorização, para que também eles se integrassem àquela visão. (PFD, p.55)

Possuindo técnicas avançadas de mercado, a publicidade sabe bem o que produzir para conseguir um retorno produtivo do seu público alvo. Ou seja, os publicitários arquitetam e modificam as motivações inconscientes dos consumidores, através das eficientes técnicas embasadas em estudos de tendências e demandas emergentes do público consumidor, objetivando responder os anseios do público com um produto, uma imagem, uma marca. Essa ferramenta provoca uma maior e eficiente alienação, onde, inconscientemente, o objetivo maior é a acumulação de capital, fazendo com que a servidão se torne cada vez mais voluntária.

A televisão possui também outro lado lúgubre frente à sociedade. São inúmeras as formas de assassinatos apresentados – em jornais, em desenhos animados, filmes infantis, juvenis, filmes de super-heróis, novelas etc.

O pai de Rosane contava para Pedro, falava um bocado e parava, enquanto alguma coisa na televisão prendia seu interesse. Era um filme americano, havia tiros de vez em quando, armas de vários tipos – em gavetas, em cintos, e bolsas, no porta-luva, em mãos de homem e de mulher. Os canos cromados ou pretos rebrilhavam na tela. Homens voavam de repente para trás, de braços abertos, com manchas vermelhas no peito da camisa, o corpo brilhava sobre o capô brilhante dos carros novos ao som de explosões e de música trepidante (FIGUEIREDO, 2010, p. 119).

A mídia colabora para o processo desumanizador da sociedade, se concentrando na base social. As classes sociais, em geral, participam dessa desumanização em algum nível, umas mais que as outras, é claro. Por fim, a televisão funciona como

veículo de sustentação essencialmente publicitária, objetivando exercer uma ação psicológica sobre o público com fins comerciais, em sua grande maioria.

Todas as cenas encaixadas juntamente com a cena principal dão vida a uma crítica social que se inicia na primeira linha do romance, “não ver, não entender e até não sentir” (PFD, p. 1). A simples ação de pegar um ônibus, se locomover de um local para o outro é tão presente, tão constante, para uma classe social específica, que os indivíduos não enxergam mais, não refletem sobre as implicações dessa prática mecânica. A crítica presente no romance vai se fundamentar principalmente na ideia dessa dificuldade que beira a impossibilidade em compreender uma coisa que está se passando constantemente e que está intrinsecamente ligada ao trabalho. O protagonista vai observar, refletir, questionar sobre coisas que se mantêm protegidas ou disfarçadas na sociedade, “por mais distraído que fosse, ainda era preciso buscar distrações” (idem, *ibidem*). Mesmo Pedro sendo distraído, a personagem, nesse caminho extenuante, busca distrações e, a partir daí, começa a refletir, sem ter plena consciência disso, sobre questões bastante problemáticas na sociedade, dando vida ao que chamamos de cenas encaixadas, sendo cada uma coerente e rica em sentidos; possuindo ligações intrínsecas que funcionam como um mapa de informações que auxiliará o leitor a compreender a obra.

Referências

ANDERSON, Perry. O Brasil de Lula. *Novos Estudos* : Cebrap. N. 91, 2011, p. 23-52.

ANTUNES, Ricardo. A crise, o desemprego e alguns desafios atuais. *Serviço Social & Sociedade*. N.104, 2010, p. 632-636.

_____. *Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 16ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BASTOS, Hermenegildo. Literatura como trabalho e apropriação: um esboço de hermenêutica literária. *Remate de Males*, v. 28, n. 2, 2008, p. 157-172.

BARRÈRE, Anne; SEMBEL, Nicolas. *Sociologia da escola*. São Paulo: Loyola, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. 1966. p. 39 – 64.

FIGUEIREDO, Rubens. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Sobre Passageiro do fim do dia: entrevista com Rubens Figueiredo. *Terceira Margem*, n.24, Rio de Janeiro, 2011, p. 191-207.

GRAMSCI, Antonio. A organização da Escola e da Cultura. In: *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro. 1995. p.p. 177 – 127.

MAGALHÃES, M; GOIS, A. Vida profissional é maior entrave, dizem negros. *Folha de São Paulo*, 23 de novembro de 2008. (Caderno Especial – Racismo)

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Trabalho Assalariado e Capital*. Editora: Avante, 1982.

MELO, Cimara Valim de. *Imagem, trânsito e memória em Passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo*. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

MELLO, J.M. de; NOVAIS, F. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. São Paulo: Unesp; Facamp, 2009.

OLIVEIRA, Francisco de. Hegemonia às avessas. *Piauí*, nº4, 2007.

PASTA JR, J. A. . “Volubilidade e idéia fixa: o outro no romance brasileiro”. *Sinal de Menos*, v. 4, p. 13-25, 2011.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José. *Sociologia do trabalho no mundo contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. *Fora do jogo? Jovens negros no mercado de trabalho*. Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, D.; FUX, J. “A dramaticidade urbana em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo”. *Fronteiras*, n. 11, 2013, p.130-141.

TIRLONI, Larissa. Memória e espaço em *Passageiro do fim do dia*. XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM LETRAS. 2, 2012, 2012.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1979.

Recebido em 30/10/2016. Aceito em 11/01/2017.